

# UM NÃO DESTINADO REPÓRTER DO PASSADO

## A TRAJETÓRIA DE DESCOBERTA DO BIÓGRAFO LIRA NETO ENQUANTO JORNALISTA, ESCRITOR E ARRANCADO DA TERRA

Sarah Melo <sup>1</sup>

O bairro de Perdizes era um quintal de aves cantadeiras. Para o vendedor de garapa e sua esposa que primeiro fixaram residência na região, então pouco povoada e tão nativamente arborizada, quicá fosse imaginável e fantasioso que ela viria a se tornar, enquanto bairro, um dos destaques da principal cidade do estado paulista, e que por entre futuras ladeiras ainda arborizadas e ruas de nomes tradicionalmente indígenas, tantas histórias se abrigariam.

De pé entre universidades de destaque nacional, teatros e estádios famosos, está uma dessas histórias, a da barbearia onde trabalha Seu Souza, profissional predileto de dito ofício do nordestino Lira Neto. Ao final de uma das muitas visitas à cadeira do barbeiro, em um dia entre os muitos escritos durante os 20 anos em que ali viveu, Lira reage ao resultado do trabalho de Souza com um “Poxa, Souza, eu estou com uma cara de judeu...”. A resposta do barbeiro viria a ecoar anos depois na vida do freguês: “e você não é judeu?”.

Nascido em Fortaleza no início dos anos 1960, filho de funcionária pública e de caixeiro viajante, João de Lira Cavalcante Neto se descobriria tempos após essa visita como um cristão-novo, um descendente dos judeus perseguidos pela inquisição, expulsos de Portugal, que ocuparam o Brasil nos séculos seguintes.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará, Sarah é movida pelo fascínio e curiosidade com línguas estrangeiras, produção centrada em storytelling, investimentos, relações internacionais e geopolítica.

O início da narrativa desse futuro escritor, jornalista e pesquisador, que descobriu a ancestralidade em uma das aventuras do ofício, dá-se na capital cearense, no universo doméstico curado pela união entre seus progenitores. O pai percorria as estradas dos sertões nordestinos vendendo “do penico à bomba atômica”. A mãe, além do serviço público, foi professora e entusiasta escritora por simples prazer.

O pai, apesar de não ter concluído uma educação formal, era tratado na família como o “homem almanaque”, ávido leitor das mais diversas produções literárias. A mãe, por sua personalidade diletante, não resistia à tentação e produzia pelo filho muitas das redações escolares.

A família se mudou para um município vizinho quando a economia caseira se fragilizou demais para sustentar os alugueis desmedidos da capital. Em Caucaia, o menino Lira encontrou um mundo particular no grande jardim que a nova casa exibia, determinante em seu crescimento. Ainda que não percebendo quando envolto na ignorância sonhadora de toda criança, seus pais por diversas vezes fizeram sacrifícios em nome da formação de uma pequena biblioteca doméstica, com enciclopédias, livros de literatura e gibis. “Isso me levou ao caminho dos livros, mas nada parecia indicar que eu ia acabar onde acabei”, diz ele em sua luta contra o determinismo e contra a predestinação.

Quando chegou à escola técnica no ensino médio, encontrou um currículo voltado às ciências exatas e da natureza, tão estrangeiras a ele: “Não tem nada aqui que eu queira estudar”. Resolveu seguir os conselhos da psicóloga da instituição, que após testes sugeriu ao garoto o ingresso no curso de Estradas, dada a sua incompatibilidade com a clausura das salas de aula.

Foi um aluno “mediocre”, sem afinidade com o que era lecionado. Ainda assim, conseguiu um emprego na construção de um açude no interior do estado,

onde exerceu, “por dois longos dias”, o posto de topógrafo profissional.

Com o tempo, Lira trabalhou na loja de peças de motocicleta do cunhado, vendeu sanduíches em um trailer com o irmão e foi técnico de raios-X em clínica da região fortalezense. “Eu não sabia o que queria fazer da vida, nada me atraía, nada me parecia dizer respeito”.

Ainda que com um currículo escolar restrito a poucas áreas do conhecimento, passou no vestibular da Faculdade de Filosofia de Fortaleza, mais tarde abandonada por motivações econômicas e pelo pouco costume com o ambiente clerical. Tempos depois, ingressou em Letras na Universidade Estadual do Ceará, mas novamente abandonou o ensino superior por ter encontrado um currículo excessivamente gramatical, quando buscou a literatura.

Lira, então, passou a lecionar em escolas do subúrbio de Fortaleza como professor de português, redação e história, áreas que naturalmente faziam parte do seu universo de leitura, além dos semestres investidos nas duas universidades que largou. Ali, viveu uma rotina de madrugadas, salários mal pagos e intermináveis linhas de ônibus.

Foi quando um colega de trabalho lhe contou que o Diário do Nordeste estava com vaga aberta para o posto de revisor. “Eu não sabia bem o que era, mas pelo menos estaria lendo”. Lira não tinha tido até o momento um contato formal com o jornalismo, à parte as leituras frequentes de periódicos e recortes de jornais trocados por correio com um amigo de Belém.

Candidatou-se à vaga e foi contratado imediatamente. Casado com sua primeira esposa, Nora, precisou lhe avisar sobre a grande mudança, mas não encontrando um telefone no silêncio proibitivo da sala de revisão, foi direcionado a outra sala do jornal: “A redação é onde os jornalistas ficam?”, questionou incerto. “Na hora em que abro a porta da redação, tenho a visão mais extraordinária de

toda a minha vida”, lembra ele da visão caótica de profissionais gritando e do barulho das máquinas de datilografia. “Eu quero vir para cá”.

No início dos anos 1990, com toda a improbabilidade de prestar vestibular após uma década externo ao mundo escolar, Lira é aprovado em primeiro lugar no curso de jornalismo da Universidade Federal do Ceará. Por conspiração da natureza em favor do jovem ou não, na prova zerada de matemática na primeira fase, que normalmente o desqualificaria, uma questão foi anulada e os pontos foram computados a todos, que adicionados aos da performance na segunda fase, composta por português, redação e história, garantiram a aprovação do rapaz.

No primeiro ano de curso, Lira pede ao Diário transferência para a redação. Com a negativa diante de sua inexperiência, o impaciente estudante recorre ao concorrente O Povo, que passava por um processo de rejuvenescimento do corpo jornalístico. Ainda que cedo na formação, poucos dias depois de uma visita ao periódico, recebe um sinal verde: “Venha, vamos fazer um teste”.

Na época, o governo recebia um professor da Fundação Getúlio Vargas para treinamento com a equipe de então secretários, e foi concedida a Lira a tarefa de entrevistá-lo. Apesar do nervosismo que tremulava suas mãos a ponto de derrubar o material de gravação, apresentou-se ao professor orgulhosamente como repórter e fez a entrevista. Retornando à redação, “como se catando milho”, com dois dedos, suor e sacrifício pela ignorância diante da máquina de escrever, Lira conclui o texto, o entrega para a supervisão e recebe em troca um “peça demissão e venha trabalhar com a gente”.

A única vaga disponível era na economia, mais um terreno alheio a Lira. Mas, após seis meses de uma escrita de criatividade e ritmo pouco naturais à editoria, consegue transferência para o caderno cultural do periódico, o Vida e Arte.

Com o tempo, é convidado a ocupar a cadeira de editor do caderno. Ainda que estimulante, foi uma experiência terrível para Lira diante do desgaste que a posição coloca em quem a ocupa. “Quem é repórter, é repórter”. Ele faz então o pedido de transferência para as grandes reportagens. Nesse ambiente, “descobri o repórter que existia dentro de mim”, na “ida para o campo e para a rua”, previstas pela psicóloga da escola técnica.

Mais uma reviravolta na carreira e vida de Lira viria na época em que centenas de esqueletos humanos foram descobertos em obras de serviço de saneamento básico na capital cearense. Uma ligação do então presidente do Instituto Histórico do Ceará, diante da confusão da imprensa com o evento, marcaria Lira profundamente: “Vocês não sabem quem são essas pessoas? Vocês não têm nenhuma memória histórica? Não sabem que essas são as vítimas da terrível epidemia de varíola que assolou Fortaleza no final do século XIX, início do XX, e que matou um quinto da população da cidade? Mas como vocês são ignorantes”, conta Lira vividamente.

O jornal fez uma cobertura do ocorrido com vários materiais e levantamentos históricos, mas para Lira aquela não parecia uma história de reportagens, mas algo mais profundo. Muito influenciado pelas leituras de grandes biógrafos no período, ele decide escrever uma biografia, encontrando na figura de Rodolfo Teófilo o personagem que precisava. “Eu tinha que contar essa história”. O trabalho de busca na imprensa da época, nos arquivos e em obras raras permitiu a Lira a descoberta de um novo prazer: a pesquisa histórica.

Quando termina *O Poder e a Peste: a vida de Rodolfo Teófilo*, Lira já não estava mais na redação do O Povo. “Chegou esse momento durante a pesquisa que eu percebi que o jornalismo me inquieta, mas esse jornalismo periódico já não me satisfaz”. A insatisfação diante da limitação de tempo e de espaço, a dupla pressão

que incide sobre o fazer jornalístico, aliadas ao momento de escrita do livro dão a Lira uma resposta: “Eu poderia continuar sendo um repórter, sendo um jornalista, mas um jornalista do passado, da pesquisa, da investigação histórica”.

Ele se transfere para a Fundação Demócrito Rocha, onde passa a trabalhar com produções voltadas para histórias da terra e do povo cearense. “Era uma editora voltada para pensar o Ceará, para escrever sobre ele”. Foi então que seu livro, apesar de lançado com uma circulação numérica e geográfica restrita de exemplares, teve uma repercussão inesperada. Foi capa do caderno ilustrado da Folha de S. Paulo. Lira é convidado para entrevista com Jô Soares, o Jornal do Brasil publica uma resenha saudosa... Um livro lançado em Fortaleza, com uma história característica dela, ganhou repercussão nacional. “Dessa brincadeira eu estou gostando”, lembra o autor entre muitos sorrisos.

E então, um de seus ídolos, Fernando Morais, o convida para ser pesquisador. Foi uma “oportunidade de ouro” que o fez perceber que ele poderia levar a escrita cada vez mais a sério. “Eu quero ser escritor”, confessou ao então chefe, que entre gargalhadas perguntou “está maluco?”.

Novamente, por conspiração ou não da natureza, o momento parecia certo. Adriana, sua segunda esposa, foi chamada para um cargo de direção em Salvador. Inicia-se, então, a carreira de Lira Neto longe dos jornais, mas sempre mantendo-se como repórter, como jornalista, em um caminho de reaproximação com a academia, e de aproximação com a história.

Fruto dos anos que se seguiram, seu primeiro livro de circulação verdadeiramente nacional, *Castello: A marcha para a ditadura*, foi publicado em 2004.

Nessa nova carreira, Lira alia os métodos de investigação jornalística, desenvolvidos nos anos de profissão, com os rigores necessários para a pesquisa

histórica: a atenção aos detalhes e minúcias de eventos significativos para o desvendamento da personalidade e história do biografado.

“Eu monto um mosaico”, comenta ele com a influência dos conjuntos de azulejos de Portugal, para onde se mudou em 2018. “Um azulejo isolado não diz nada, mas o conjunto deles cria sentido”, diz sobre a construção do texto biográfico. “Eu tenho a sorte de fazer o que amo profundamente, talvez a única coisa que eu saiba fazer direito na vida”.

A resposta à pergunta do barbeiro do bairro de Perdizes seria descoberta durante a pesquisa para a sua mais recente obra. *Arrancados da terra: perseguidos pela inquisição na Península Ibérica, refugiaram-se na Holanda, ocuparam o Brasil e fizeram Nova York* foi publicada em 2021. Tendo acesso a documentos históricos, por curiosidade montou uma árvore genealógica dos Lira, descobrindo como ancestral o cristão-novo Gonçalo Novo de Lira.

“Eu também me sinto arrancado da terra”, confessa enquanto homem de alma e pensamento nômade, que ainda com raízes calcadas em Fortaleza, entregues em seu sotaque, comportamento e atitude, também tenta “estabelecer galhos, conexões, novas possibilidades de ser e de estar”, não deixando de sentir o ônus desse nomadismo, como confiado na dedicação do livro: “Para todos os retirantes e *desterritorializados* do mundo”.

Lira Neto é hoje consagrado um dos maiores biógrafos do Brasil, com obras que aguardam por adaptações cinematográficas e traduções para idiomas de terras distantes. Ele segue então sua jornada como um não destinado repórter do passado, movido pelo entusiasmo da própria ignorância: “Meu livro preferido é o que virá, o que ainda não escrevi”.